

16

As urdiduras criativas e fundamentos históricos na criação de *Os Tambores de São Luís* e nos diários de Josué Montello

Saulo Barreto Lima Fernandes



O romancista maranhense Josué Montello, decerto, foi um escritor que buscava excelência naquilo que ele considerou como seu sentido de vida — *a Literatura*. E se há um livro seu que confirma esse ânimo e que merece um melhor tratamento quando explanamos sobre o conjunto de sua obra trata-se de *Os Tambores de São Luís*, que teve sua primeira edição lançada em 1975. Muito mais que carregar o nome da cidade em seu título esse, é de longe, o seu trabalho que conseguiu angariar maior repercussão entre leitores, intelectuais, acadêmicos e críticos em geral.

Outra peculiaridade quanto a esta narrativa em específico é que ela se apresenta, na própria visão do autor, como um de seus principais desafios, contando com um número significativo de comentários — de várias ordens — em seus diários.

E é justamente, por esse motivo, que há um subcapítulo específico no presente trabalho para abordá-la. Isso tudo no afã de identificar como o autor lidou somente com a elaboração dessa produção em particular. De forma paralela, também, a pesquisa busca registrar a recepção por parte da crítica em si bem como das suas principais considerações diante da repercussão que tomou, nem sempre positivas, deve-se dizer.

Como dito, a obra *Os Tambores de São Luís* é definitivamente uma das mais festejadas e que conta com maior número de reedições em diferentes editoras, inclusive em traduções estrangeiras. Não por menos, considerado pelo próprio autor, como seu maior desafio, aquela produção que demandou um maior preparo e o suprassumo de sua capacidade como escritor até então.

Uma obra dessa magnitude, decerto, requererá ao seu criador um esmerado cuidado diante da forma intercalada de produção, cruzamento de eixos narrativos, do tratamento com as fontes de pesquisas históricas etc. "[...] O mais longo

de meus romances, *Os tambores de São Luís*, passa-se, todo ele, numa noite, e é nessa noite que faço viver mais de quatrocentas personagens, condensado os três séculos da saga romanesca da escravidão no Brasil [...]" disse Montello (1998, p. 940, grifo do autor), na abertura de seu Diário do Entardecer, prenunciando assim a dimensão da grandiosidade narrativa em questão.

De forma óbvia, quanto maior a complexidade da obra, ato contínuo, maiores serão os desafios quando da sua composição. Uma trama que demonstra sua peculiaridade por contar com um número incomum de personagens e que se passa em exíguo espaço tempo. Isso sem falar que ela aborda como tema central um assunto bastante espinhoso ainda nos dias atuais — a escravidão negra brasileira colonial e pós-colonial. Além de ser um tema que suscite bastante discussões, a historiadora e professora Tania Regina de Luca (2020, p. 90) vai mais além: "Um tema dos mais importantes na História do Brasil é a escravidão, regime de trabalho que vigorou por mais de três séculos e cujas consequências seguem presentes na sociedade contemporânea [...]".

Pode-se afirmar que o Maranhão funciona como "um estado modelo" do que realmente representa o Brasil. Passou por praticamente todas as fases políticas do país — da colônia à redemocratização — e nos séculos passados fora um dos maiores destinos de negros africanos como mercadorias para uso de mão de obra escrava, tanto que chegou ao ponto de ser "[...] a única província a ter maior número de escravos do que de habitantes livres, nas estimativas populacionais de 1819 e 1823" (Vergolino; Nogueról, *et al.*, 2016, p. 68).

Atualmente o Maranhão, segundo as últimas estimativas do IBGE, figura como o segundo estado com o maior número de quilombos, contando com uma população de

269.074 pessoas quilombolas[11]. Esses indicativos demonstram não só à proporção que a escravidão possuía em sua plena instauração, mas as consequências nefastas decorrentes depois da sua contestável abolição.

Com o aumento nas últimas décadas da mobilização do movimento negro e de estudos nesse campo a obra, de certa forma, acabou se tornando uma vitrine, suscitando um interesse especial de uma importante parcela da população. Diante da abordagem da escolha dessa questão em específico, não por acaso foi uma das obras que rendeu maiores registros por parte dele em seus diários durante o período em que estava sendo elaborado. Asim se referiu Montello acerca desta questão:

> *Como criação pura e como realização literária. Os Tambores de São Luís teriam de ser necessariamente a confluência de minhas muitas experiências como romancista. A síntese de um tirocínio e a súmula de uma vida. Sem esse tirocínio, que me possibilitou resolver sucessivos problemas de técnica narrativa, eu não teria posto sobre os ombros a multidão que compõe o elenco de meu romance, nem me animaria a dominar o largo espaço que constitui o seu tempo histórico. Porfiadamente, consegui erguer a sua estrutura, com a perfeita consciência dos elementos que ali se fundem. E é ela, no seu amplo contexto, não apenas a biografia de um personagem – também a vida de uma época e o movimento de uma cidade. Demasiadamente acumulativa? Não poderia ser de outro modo, dado o caráter e o propósito épico do romance, concebido e executado como um vasto afresco*
>
> (Montello, 1986, p. 56).

[11] Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/07/populacao-quilombola-e-de-1-3-milhao-indica-recorte-inedito-do-censo> Acesso em: 03 nov.2023.

De certa forma, demarcou o alcance da maior aspiração que teve em vida que é o reconhecimento como um autêntico romancista. Se antes havia ainda certa insegurança quanto a esse pormenor, agora com *Os Tambores de São Luís* não há mais. Pleno domínio da técnica narrativa, satisfação com o trabalho terminado, que não pode ser visto quando havia publicado os anteriores, sempre sua consciência o assaltava afirmando que poderia fazer melhor. Essa observação entra em consonância com o que a obra ganhou depois disso.

Para o romancista carioca Otávio de Farias (1986):

> *Mesmo não tendo a menor dúvida de que, de todos os romances de Josué Montello. Os Tambores de São Luís é o melhor – o mais completo, o mais vivido, tecnicamente o melhor acabado, e, certamente, o que deve recolher sua preferência –, não cederei à facilidade de falar em surpresa ou de recorrer ao chavão do 'pulo' que muitas vezes o romancista da de um livro para outro. Quem leu com cuidado e boa disposição Cais da Sagração, não poderá se surpreender muito com a qualidade, a extraordinária qualidade mesmo, repito, desse Os Tambores de São Luís"*
>
> *(Farias, 1986, p. 25).*

Embora composta por uma plêiade infindável de personagens, um se arvora de modo inconteste — Damião. No artigo "O negro em Montello: uma análise da personagem Damião em *Os Tambores de São Luís*" a pesquisadora Meridalva Gonçalves de Sousa é precisa em destacar sua importância:

> *[...] Damião é o centro dinâmico de convergência e irradiação do romance que se fez original em tema e técnica de escrita por concatenar a sua angústia individual, que descreve com força narrativa o regime escravocrata com o horror da escravidão vivenciado na coletividade [...]*
>
> *Sousa, 2018, p. 127).*

Apesar de inúmeros outros, toda a história se fixa nele e através dele em suas memórias e perspectivas futuras. Não só do presente vivido, mas das suas constantes revisitações de suas gerações por meio de *flashbacks*. Neles, o protagonista foi recordando ora com remorsos ora indignado face as injustiças sofridas por seus entes mais próximos.

> *Num de meus romances, Os tambores de São Luís, um dos personagens, o Damião, do alto de seus oitenta anos, reconhece que a vida é uma coleção de mortos. Para os outros, bem entendido; não para os sobreviventes [...]*
>
> *(Montello, 1998, p. 1153, 7, jun.1995, DdaMad.).*

Nascido ainda escravo nas fazendas no interior do estado, Damião se transporta para a capital acalentando o sonho de tornar-se padre. Para tanto, trata de se alfabetizar e partir

daí acaba ocupando espaços como o de professor, funções inimagináveis em se tratando de sua condição como escravo. Embora dentre os personagens Montello não deixe de citá-los (entre os que comporão a aristocracia escravocrata, econômica e política), outra característica do romance histórico pode ser vislumbrada aqui, ou seja, a mudança de foco narrativo não contada a partir dos "vencedores":

> *[...] o herói do romance, membro da nobreza e representante desse compromisso, é ofuscado por figuras coadjuvantes, isso se deve ao fato de esse problema de forma do romance histórico ter um conteúdo histórico e político, um conteúdo popular muito claro" [...]*
>
> *(Lukács, 2011, p. 68).*

Apesar de composta também por personagens reais que compuseram a elite ludovicense, tais como o Dr. Sotero dos Reis, Donana Jansen, Dona Ana Rosa Ribeiro, todos eles são abordados de maneira superficiais, mais com função de contextualização histórica do que como protagonistas em si. Isso tudo porque Montello — a exemplo de seu conterrâneo Aluízio de Azevedo tanto em *O Mulato* como em *O Cortiço* — entendeu a necessidade de realizar uma abordagem mais relevante com foco na realidade racial e social do que enaltecer figuras historicamente privilegiadas pela historiografia brasileira produzida até então.

[...] Nele [no mundo do romance histórico], o "indivíduo histórico-mundial" é visto socialmente como partido, como representante de uma das muitas classes e camadas em conflito. Mas, além de cumprir sua função de cume e coroamento do mundo ficcional, ele também deve – de maneira muito complicada e pouco direta – tornar direta ou indiretamente visíveis os traços progressistas gerais de toda a sociedade, de toda a época. Contudo, esses complicados pressupostos da compreensibilidade de seu papel representativo são figurados em Walter Scott por meio da ampla história pregressa que sempre prepara o terreno para sua aparição e cuja necessidade já seria por si só suficiente para fazer dele uma figura coadjuvante do enredo

(Lukács, 2011, p. 65-66, grifos originais).

Simbolicamente, a saga do octogenário Damião exprime mais essa função de representar todo um momento histórico, mesmo sendo ele uma parte. Um representante de cujo qual se pode fazer todo um panorama de uma época (a sociedade escravocrata) da qual seus antepassados fizeram parte.

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar [...]

(Candido, 2006, p. 54).

Consoante à ideia anterior de que o sujeito nuclear é peça para se entender como parte de um todo, do particular para se entender o geral, a ideia é retomada agora por um de seus principais críticos.

> *[...] A ação romanesca é acompanhada pelo som do tambor que reconstitui na memória de Damião, personagem emblemático da trama, que aos 80 anos desloca-se para assistir o nascimento de seu trineto. No percurso, ao cruzar a cidade São Luís, através de duas linhas temporais (presente e passado), conhece-se a história de um jovem negro que desde muito cedo se posiciona, das mais diversas formas, ao parâmetro da aristocracia escravocrata [...]*
>
> *(Sousa, 2018, p. 128).*

Quanto a esse posicionamento mencionado é possível dizer que ele se encontra manifestado na figura de Damião em diversas passagens do romance. Agora devidamente empoderado por finalmente ter tido acesso à educação (direito estrategicamente negado séculos a fio para pessoas na sua condição) e, portanto, consciente como parte integrante do momento histórico, um fato o incomodou a ponto de ele desabafar. Em dado momento, em que estava tentando ministrar aula a uma determinada turma masculina em São Luís, no Convento do Carmo, tomado por um misto de sentimento de revolta e indignação, ele dispara chamando atenção de todos que estavam na instituição:

Aproximadas assim, a história e a arte em geral, interessa-nos, no território desta, a arte particular da literatura, e, no campo que lhe é próprio, a forma particular do romance. O que distingue, então, história de romance (ou ciência de arte), é que a primeira é forma sujeita a limitações empíricas, ao passo que a segunda é forma livre, muito embora a liberdade total, absoluta, seja uma impossibilidade. A história, pois, lida com limitações empíricas, que conhecemos, que sabemos quais são. A arte em geral, e o romance em particular, lida com limitações que não sabemos quais são - só sabemos que existem. Grande vantagem leva o romancista sobre o historiador! Se essas distinções todas, que estamos enunciando, revelam diferenças entre romance e história, ou história e romance, há um dado de semelhança que nos parece fundamental para a compreensão do que se trata: é que, em ambos os casos, estamos lidando com formas. E é por isso, sob esse aspecto, que a atividade do historiador pode ser posta em relação com a atividade do poeta, ou do artista, ou do romancista

(Miranda, 2000, p. 21).

Esse posicionamento se faz importante no sentido não só da constatação da consciência do personagem como agente social de modificação, mas a análise do momento histórico como um todo. Liberar esse grito preso na garganta não era importante somente para Damião e seus ascendentes no Maranhão de seu tempo, mas também para muitos outros em condições semelhantes a sua, e também aos que passaram pela mesma injustiça independente de tempo, local e contexto. "É óbvio que a continuação do romance histórico no sentido da historização da representação do presente, a continuação da história passada na figuração da história vivida, tem, no fim das contas, razões que não são estéticas, mas sócio-históricas" (Lukács, 2011, p. 108-109). É sabido que a escravidão não é algo novo. Desde a antiguidade e dos tempos bíblicos a prática está impregnada na formação social das sociedades ditas civilizadas, tais como na Babilônia, Grécia, Roma, Egito, etc.

Também, infelizmente, não é algo que se pode tratar como definitivamente superado. Autoridades atuais ainda se esforçam no sentido de identificar e combater os trabalhos classificados como condições análogas à escravidão, como o que ocorre no caso de algumas carvoarias, fazendas, fábricas têxteis clandestinas, onde pessoas socialmente vulneráveis geralmente são cooptadas e transportadas para locais bem longe de suas origens onde, distante dos olhos da sociedade, perdem suas vozes, forças e dignidade, cessando seus acessos aos direitos humanos básicos de sobrevivência como cidadãos.

Em vez de privilegiar um momento histórico desconectado do irredentismo escravo, Montello preferiu fazer o seu epos girar em torno de um personagem do qual se pode dizer que em Os Tambores de São Luís, tem o desempenho do "indivíduo-histórico-universal", da catalogação hegeliana. E exatamente porque se enquadra na categoria dos Welthistorische Individuen, a figura de Damião, cumprindo uma exigência estabelecida por Lukács para o romance histórico, permite-nos ver todos os lados do mundo em que ele se move. Damião possibilitou ao romancista, mercê da abrangência do seu visor, reconstituir a história maranhense da escravidão, na qual se engastam numerosos enclaves narrativos, que criam a visão polifônica de quase um século de vida social da nossa província

(Oliveira, 1978, p. 43).

Para muitos de seus críticos, de forma uníssona, é considerado por essência um autêntico gênero daquilo que se entende hoje como romance histórico. Pelo fato de tratar de uma obra que abrange o século passado, reside aí o seu cuidado em debater o tema com o maior rigor histórico possível. Isso sem falar da abordagem dos personagens, que com-

punham a sociedade ludovicense naquela época em todas as suas idiossincrasias. Desde aqueles que formavam a elite comercial, eclesiásticos, barões e políticos, a tipos comuns e descendentes de negros escravizados todos amalgamados na confluência em pleno centro urbano de São Luís.

> *Conscientemente, portanto, dei a Os tambores de São Luís a configuração da narrativa histórica, nos dois arcos que a compõem – procurando conciliar o espírito plástico e o espírito crítico, no processo da criação romanesca. Devo confessar que, ao adentrar-me no problema da escravidão, não somente o senti, na sua experiência realmente patética, como me compenetrei da sua grandeza, à hora em que o rancor do negro se diluiu na comunhão étnica, por intermédio da mestiçagem brasileira*
>
> (Montello, 1986, p. 56).

Revestiu-se de um dos mais variados papeis no formato da prosa ao longo de sua carreira como escritor — o de historiador. É reconhecida as suas várias produções, inclusive no campo historiográfico. Montello é notoriamente um intelectual meticuloso sempre buscando fazer uso de fontes históricas fidedignas. Sem falar da sua primeira obra em coautoria com Nélio Reis que fora *História dos homens da nossa história* (1936), um compilado de pequenas biografias de vultos e personalidades da historiografia brasileira. Era cônscio de que tinha de conciliar a beleza ficcional da criação artística sem trazer prejuízos à autenticidade histórica. Quando se fala de romance histórico, logo se remete à correlação óbvia

entre o gênero romance e a história e do entrelaçamento entre os dois campos de estudo. É possível dizer que ambas possuem muito mais convergências do que divergências. Muitas vezes se confluem e se complementam, reservando sempre a primazia da verossimilhança com o que foi vivido de maneira factível.

Muitos, como o pesquisador José Américo Miranda (2000), acredita que:

> *Romance e história são resultados da atividade do espírito humano que respondem, sempre, cada um em suas circunstâncias e segundo os códigos que lhe são próprios, às necessidades do tempo presente. O objeto da história é o passado. É a história que faz vir ao presente o que já não está mais aí. O objeto do romance é a imaginação do homem*
>
> *(Miranda, 2000, p. 17).*

Portanto, levando em consideração essa citação se pode dizer que Montello, com *Os Tambores de São Luís*, conseguiu unir os objetos destacados por Miranda, ou seja, o passado com relação à história e a imaginação com relação ao romance.

> *Aproximadas assim, a história e a arte em geral, interessa-nos, no território desta, a arte particular da literatura, e, no campo que lhe é próprio, a forma particular do romance. O que distingue, então, história de romance (ou ciência de arte), é que a primeira é forma sujeita a limitações empíricas, ao passo que a segunda é forma livre, muito embora a liberdade total, absoluta, seja uma impossibilidade. A história, pois, lida com limitações empíricas, que conhecemos, que sabemos quais são. A arte em geral, e o romance em particular, lida com limitações que não sabemos quais são - só sabemos que existem. Grande vantagem leva o romancista sobre o historiador! Se essas distinções todas, que estamos enunciando, revelam diferenças entre romance e história, ou história e romance, há um dado de semelhança que nos parece fundamental para a compreensão do que se trata: é que, em ambos os casos, estamos lidando com formas. E é por isso, sob esse aspecto, que a atividade do historiador pode ser posta em relação com a atividade do poeta, ou do artista, ou do romancista*
>
> *(Miranda, 2000, p. 21).*

Um dos tipos de registros mais recorrentes de Montello no tocante ao romance nos diários foi com relação às suas fontes. Primeiramente, vale ressaltar que ele teve a honestidade intelectual de não apresentar seu trabalho como pioneiro. Deu crédito às obras antecessoras as suas, tais como *A nova aurora* (1913), de Astolfo Marques e *Vencidos e degenerados* (1915), de Nascimento Morais, que foram devidamente examinadas como parâmetro. Isso demonstra como ele recorria não só aos livros literários, mas, às fontes das mais diversas possíveis como jornais, processos, documentos e fontes orais. Aproveitava ao máximo o trânsito livre e consultava as maiores autoridades referências naqueles assuntos. Tudo isso no afã de não cometer erros crassos que colocassem em xeque seu tão dedicado trabalho.

> *Um aliado estratégico do pesquisador é a leitura atenta da historiografia sobre o tema a ser estudado. É preciso prestar atenção às escolhas dos pesquisadores que o antecederam, na maneira como utilizaram suas fontes, nas citações que fizeram delas, nos autores de que se valeram, pois aprende-se a partir da aproximação cuidadosa e do diálogo com os que já se debruçaram sobre problema semelhante ao que se quer estudar*
>
> (Luca, 2020, p. 102).

Em um único longo, Montello faz um apanhado autoexplicativo de todo o romance, sobretudo, no que concerne às fontes utilizadas, de quem as proporcionou, onde se encontravam, etc. Além de abrigar aí o trecho que dá nome a este subcapítulo.

13 DE OUTUBRO [DE 1975, DdoEnt.]

De quantos romances escrevi até hoje, nesta minha língua transparente e objetiva, foram Os tambores de São Luís, na sua concepção geral e na sua urdidura, aquele que me obrigou a uma atenção maior, como pesquisa, como rigor técnico, dada a circunstância de que nele a ficção se acha amalgamada à matéria rigorosamente histórica. Embora sua ação romanesca componha uma parábola que se inicia às 22:00h de uma noite de 1915 para fechar-se às 9:00h da manhã seguinte, o relato retrocede aos vários ciclos da história maranhense, misturando presente e passado, com mais de quatrocentas personagens, entre bispos, padres, governadores, boêmios, raparigas, estudantes, professores, oradores populares, negros de ganho, artistas, tipos de rua, tentando reconstituir toda a complexa vida de uma cidade – ao mesmo tempo que procura retraçar as lutas do negro maranhense, como elemento

consciente do povo brasileiro. Ao fim do romance, tratei de contar-lhe a história, numa espécie assim de romance do romance, para reconhecer uma vez mais, lembrando Hamlet e Machado de Assis, que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Agora, relendo essa confissão, verifico que não disse tudo. Faltou referir-me ao que antes de mim se escreveu, quanto ao negro maranhense. Dois romances precederam o meu: um, de Astolfo Marques, publicado no começo do século, A nova aurora; outro, de Nascimento Morais, Vencidos e degenerados, publicado em 1915, ambos editados em São Luís. Astolfo Marques fixou a transição da Monarquia para a República; Nascimento Morais, o ocaso do cativeiro. Cumpre acrescentar, quanto ao preconceito de cor, o depoimento de Domingos Barbosa, no conto Heráldica, do volume Mosaicos (São Luís, 1908), e mais o volume de reminiscências, Silhuetas (São Luís, 1911), quanto aos perfis do poeta Sousândrade e do dr. José da Silva Maia, que também aparecem no romance como personagens reais [...] (Montello, 1998, p. 1346-1348).

Esta extensa citação na sua integralidade serve para demostrar a importância que Montello dispensava às fontes para embasamento de um trabalho seu ainda que ficcional. Para ele, um livro seu deve ser baseado num lastro histórico, numa autenticidade baseada na veracidade, contribuindo para a recepção de romance como um trabalho sério não descolado da realidade que ele propôs a abordar. Eis, portanto, a noção de se atentar a verossimilhança histórica, sobretudo em um tema caro a uma parcela de brasileiros — os afrodescendentes.

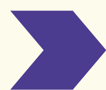
[...] E é renovando com originalidade as antigas leis da ficção épica que ele encontra para o romance histórico o único meio possível de espelhar de maneira adequada a realidade histórica, sem monumentalizar romanticamente as personagens significativas da história nem lançá-las à vala comum das miudezas psicológicas [...]

(Lukács, 2011, p. 66).

E novamente se faz uso das considerações da pesquisadora Tania Regina, que em referência ao romance *O nome da rosa*, do italiano Umberto Eco, pondera que para se chegar a esse patamar deve o ficcionista se atentar que:

> *[...] para ser verossímil e, portanto, mais interessante, o enredo criado pelo romancista não deve ignorar o passado. Assim, nesse caso específico, ao decidir escrever um romance de tipo histórico, [Umberto] Eco teve que despender grande esforço para dotá-lo de verossimilhança, noutros termos, ainda que os fatos narrados não tenham ocorrido, era preciso que parecessem coerentes e prováveis aos olhos do leitor, para que ele pudesse acreditar que o enredo poderia ter acontecido da forma como foi narrado, sob pena de o texto não produzir os efeitos esperados, de não ser suficientemente envolvente*
>
> (Luca, 2020, p. 108-109).

Isso visto podemos perceber como escritores ao longo da história têm se dedicado a elaborarem ficções com forte fundamentações históricas como uma forma de legitimação e aproximação do leitor no que diz respeito a verossimilhança dela. Grandes épicos ou romances que tenham um fundo histórico mais próximo da realidade angariam uma certa empatia por parte da recepção, crítica e leitores, porque muitas das vezes elas se confundem com momentos cruciais de fundação e consolidação de nações. Dessa forma, pode-se dizer que Montello, tomando a história como insumo e subsídio para composição de uma obra literária e tendo seus diários como uma forma de testemunhar isso entende que ele, ou qualquer outro escritor com esta intenção, tornará maior as suas chances de sucesso em romance. Usando outras palavras, seria como uma forma diferente em contar a história do país sob a forma de obra de arte literária.



Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

FARIAS, Otávio de. "Os Tambores de São Luís." In: MONTELLO, Josué. **Romances e novelas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. v.2.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020.

LUKÁCS, Gyõrgy. **O romance histórico**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MIRANDA, José Américo. "Romance e História." In. **Romance histórico**: recorrências e transformações. In: Maria Cecilia Bruzzi Boechat, Paulo Motta Oliveira, Silvana Maria Pessoa de Oliveira, organizadores. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000.

MONTELLO, Josué. Confissões de um romancista. In: MONTELLO, Josué. **Romances e novelas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1986. v.1.

MONTELLO, Josué. **Diário completo**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luís**. São Luís: Edições SECMA/CCJMA, 2019.

OLIVEIRA, Franklin de. **Literatura e civilização**. Rio de Janeiro: Difel; Brasília: INL, 1978.

SOUSA, Meridalva Gonçalves de. "O negro em Montello: uma análise da personagem Damião em Os Tambores de São Luís" In: SANTOS, Silvana Maria Pantoja; CAVALCANTE, José Dino Costa; SOUZA, Joseane Maria de Souza e. (Orgs.). **Josué Montello**: entre memória, ficção e cultura. São Luís: EDUFMA, 2018.

VERGOLINO; José, NOGUERÓL; Luiz; et al. "Inter-Relações Econômicas e Trabalho Escravo: Maranhão, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Sul". In: **Muitos escravos, muitos senhores**: escravidão nordestina e gaúcha no século XIX / Flávio Rabelo Versiani, Luiz Paulo Ferreira Nogueról (organizadores). – São Cristovão: Editora UFS; Brasília: Editora UNB, 2016.